

História do Município de Senhora dos Remédios



www.remediosmg.com.br

NOSSA HISTÓRIA, ARTES E GENTES

Nosso histórico como quase todas as histórias simples, perde-se na voragem dos tempos, quer pelo desleixo de nossos antepassados, quer pelo desinteresse de nossos contemporâneos. Isto se torna evidente quando constatamos que, excesso feito ao Padre Egydio Reis e ao jovem pesquisador João Paulo Ferreira, profundos estudiosos de nossa terra, ninguém até hoje procurou pesquisar o nosso passado histórico e extrair dele as demonstrações de bravura, patriotismo, de fé e civismo das gerações que, antes da nossa, viveram e pensaram nesta terra que servimos e adoramos.

Os mais remotos dados da história remediense, que encontramos em nossa pesquisa, remontam ao ano de 1738, nem são verdadeiros dados, são menções feitas ao El Rei, D. José de Portugal, em uma carta demarcatória de Sesmarias da Comarca do Rio das Mortes, cuja sede deveria ter sido São João Del Rei. Neste Documento, a Coroa Portuguesa faz menção à Sesmaria de Santa Cruz da Serra (por nós conhecida como "Fazenda da Serra"), do Arraial de Borda do Campo (Barbacena) e diz: "Sertões de terras devolutas nas encostas da Pedra Menina, Paróquia de Piranga, na Província de Minas Gerais, para o Capitão Joaquim Ferreira da Silva". No final, a data: 13 de março de 1738.

ESCRITURA DA FAZENDA DA SERRA



Entende-se por outros documentos que Senhora dos Remédios tenha se agregado ao Município de Alto Rio Doce, pois numa carta de data (como serão chamados os documentos de concessões exclusivas de mineração e pesquisas de riquezas minerais) o Guarda-Mor das Minas do Distrito de Xopotó, no ano de 1780, concede este a João Batista Condé, da Fazenda de Santa Cruz da Serra.

Outro documento que podemos citar é a Escritura de Demarcação de Sesmarias, datado de 1786, assinado por Pe. Inácio Correia Pamplona, de função não identificada no documento, e em cujo teor menciona também a Fazenda Santa Cruz da Serra, suas confrontações com terras de Sesmarias de José de Vargas, cuja sede deveria ter sido o Povoado que até hoje conserva esta toponímia.

Dos anos de 1833, já se tem fonte afirmativa da existência jurídica do Povoado de Remédios, pois vários talões de Impostos de Renda Pública da Comarca de Piranga nos dão conhecimentos das primeiras atividades industriais e comerciais de nossos predecessores. De 1839, um talão continha os seguintes dados: "Renda Provincial - Império do Brasil-Província de Minas Gerais - Coletoria da Comarca de Piranga: Recebido de Antônio Francisco de Assis, pela Coletoria da Comarca de Piranga, pelo pagamento de Impostos de 10 quintos de pinga, e remete `a Capital do Império por lombo de burros. Produto fabricado na Fazenda Santa Cruz da Serra".

Portanto, a esta época já existiam as fazendas-nossa gente tipicamente colonial, amante da Agricultura.

Por volta de 1860, o nosso Distrito passou à Jurisdição de Barbacena, pois os tributos pagos já o foram à Coletoria de Barbacena e, muito embora as rendas distritais só tenham sido carreadas para Barbacena a partir de 1860, Barbacena já exercia autoridade administrativa aqui desde 1851, pois é esta a data da nomeação de Antônio Francisco de Assis para Delegado de Polícia do Distrito de Remédios, nos termos que seguem:

*Havendo S. Exa. o Sr. Presidente da
Província, nomeado a V. S.^a sobre a
proposta desta Secretaria para o cargo de 1.^o
Delegado de Policia do Distrito de
Remédios, termo de Barbacena, eu assim,
comunico a V. S.^a remetendo incluso o meu
diploma para que haja de tomar posse perante o
Delegado respectivo com a possível brevidade e
espero que V. S.^a nos dê a certeza de seu
recebimento.*

Deus guarde V. S.^a.

Vem este documento da "Secretaria da Província de Minas Gerais, em 12 de maio de 1851, endereçado ao Sr. Antônio Francisco de Assis, para a Fazenda de Santa Cruz da Serra -Distrito de Remédios.

A esta época, já proliferavam as fazendas em nosso Distrito. Tem-se notícia:

- Fazenda da Mutuca (Cel. Modesto)
- Fazenda da Chácara,
- Fazenda do Couto,
- Fazenda da Trapizonga,
- Fazenda da Tenda,
- Fazenda do Senra,
- Fazenda do Indaiá,
- Fazenda da Floresta,
- Fazenda do Flamengo



E é claro, da Fazenda da Santa Cruz da Serra, e da Fazenda de José de Vargas, primeiras mencionadas neste narrativo.

Era vigário da Capela de Nossa Senhora dos Remédios, o Padre Inácio Correia Pamplona, da família de nossa Ilustre poetisa D. Nair Pamplona e irmãos, os filhos de José Simões de Resende, José Rodrigues Milagres, de Aristóteles Alves Pamplona e de Amaro Pamplona.

Nossa gente cresce em amor ao povoado, à tradição e às fazendas às quais pertence. Nas fazendas, há escolas, mestres contratados pelos coronéis para instruírem a sua família (nessa época, escola era "coisa de rico"). Menciona-se nessa época os professores das fazendas: José Carlos da Fonseca Cabeça, Mestre Mateus, José Serapião de Carvalho, Joaquim Alves Pamplona e João Damasceno.

Nossa arte pouco desenvolvida, como a cultura, vivia ainda da criatividade do sertanejo, dos desafios que tinham lugar nas casas de Engenho, os repentistas travavam acirradas disputas ao som das sanfonas com que os trabalhadores e senhores de Engenho vibravam.

Nesse estágio, a Sede do Arraial já contava com as ruas: Largo da Matriz, Rua do Rosário, Rua da Ladeira (hoje, Rua João Alvim do Carmo), Largo das Cavalhadas (Hoje Avenida Paulo Ferreira de Souza) , Rua do Campestre, Rua dos Machados (hoje, Rua Antônio Pereira Neves) e Beco da Fonte Grande (hoje, Rua José Elói Benedito); não eram ainda denominadas ruas, mas já existiam a Rua Coronel Ferrão, Rua das Flores, Rua dos Forros, e Rua da Caixa D'água.

Nosso comércio já fazia-se notar que era lucrativo; as mercadorias geralmente vinham do Rio de Janeiro, em sua grande maioria, por tropeiros que, com enormes dificuldades e em lombos de burros, transportavam-nas para o interior.

O escrivão era Fortunato Guedes de Carvalho, vindo de Sabará, através de Antônio Francisco de Assis, e o cartório funcionava na Casa de João Malta, então comerciante.

Em 1875, realizou-se Alistamento Eleitoral. O Alistamento fazia-se com base na renda anual. Assim, por exemplo, temos o título nº 167, do Império do Brasil, Província de Minas Gerais; 1º Distrito, 5º Quarteirão, Município de Barbacena. Nome do Qualificado: Antônio Francisco de Assis, com 55 anos de idade. Data de Qualificação: 03 de junho de 1875. Nº na lista: 2558. Presidente da Junta Municipal: Crispim Jaques Bias Fortes; renda do qualificado: 1.000.\$000 presumíveis. No item "observação" consta: Sabe ler e escrever. (Neste período existia o Conselho Distrital).

Tempos depois passou a existir o Conselho Distrital formado pelos respeitáveis senhores do Distrito, dentre os quais cita-se João Trantes Ferrão, Antônio Pereira de Souza Neves, Antônio Milagres, Mariano Rodrigues. Antônio Francisco de Assis, Antônio Diogo Ferreira Camilo.

Antônio Pereira de Souza Neves, proprietário da Fazenda da Mutuca, presidente do Conselho Distrital e depois vereador à Câmara de Barbacena, devem-se a aquisição do patrimônio Distrital, Casa do Conselho e Adjacências, onde se localiza o atual Prédio da Prefeitura e da unidade de Saúde e ainda o calçamento da Rua da Calçada (hoje, Rua João Alvim do Carmo e Rua das Flores).

Surge aí a primeira Escola Pública, Mestre Lobato, professor da classe masculina e professora da classe feminina a mãe de Aristóteles do Vales. Pouco depois despontam nessa nobre missão de ensinar as professoras D. Alice da Costa Matos e D. Carmélia Santana.

Nossa gente mais volumosa, mais culta, mais amante das tradições familiares, com certos excessos até, mas não deixando de ter nesse apreço de "status" algo muito favorável à moral. Nossa gente, apesar de notório desenvolvimento do povo não encontrou ascendentes até então, redundando-se nos artísticos trabalhos de carpintaria das províncias e das fazendas e às cantigas e danças populares.

E, assim, o pequeno Distrito de Remédios ia prosseguindo sua jornada, sob a proteção de Nossa Senhora dos Remédios, sua excelsa padroeira, cultivando em seus filhos o ideal de independência e os anseios de uma vida pública amparada pelos institutos legais das cidades brasileiras.

Nossas correspondências vinham para Carandaí, de onde eram transportadas em lombos de burros, para o Distrito. Os remedienses tinham conhecimento das coisas do Império através dos jornais de Ouro Preto "A Província" e "A Imprensa", de Mariana - Cúria Metropolitana: "O Marianense" e "O Apostolado", do Rio de Janeiro, "A Noite". Esses jornais eram assinados por João Trantes Ferrão, pelo Coronel Jerônimo de Albuquerque Leite, Coronel Teófilo Nogueira de Assis, João Francisco de Assis e outros.

As famílias mais tradicionais e numerosas do Distrito eram:

Assis
Nogueira
Milagres
Ferrão
Rodrigues
Pamplona
Pereira de Souza
Damasceno
Malta
Miguel da Costa
Guedes
Passos
Coelho
Ferreira de Souza
Benedito
Gonçalves de Carvalho.

Muito padeceram até às limitações de serviços públicos em nossa comunidade. A Prefeitura de Barbacena, argumentando a realística exiguidade de recursos, mas também impelida por meros caprichos de sua ideologia política, mantinha-se insensível às queixas e necessidades de nossos conterrâneos. Sempre procurando a força popular, nosso povo unia-se para a solução de seus principais problemas. Antônio Pereira, Antônio Milagres e João Francisco de Assis lideravam sempre verdadeiros mutirões, nas operações de restauração das ruas do Distrito, mandavam carros-de-boi, arados, e as ruas ganhavam aspecto mais urbano para as épocas de festas ou outras comemorações.

O Serviço de água, por muito tempo, limitou-se à Caixa mantida por João Trantes Ferrão (O Coronel Ferrão), pouco acima da Matriz; e à Fonte das Paulinas, como era conhecida, na Rua das Flores. A água era carregada em grandes latas pelas donas-de-casa.

Nossa gente ia atingindo aos poucos a maturidade de comunidade em desenvolvimento. Nas escolas, professores como D. Carmélia Santana, prof. José Raimundo Pinheiro, Aristóteles do Vale, João Alvim do Carmo, contribuíram muito para a maturidade, o crescimento e a formação da consciência, da capacidade e do civismo de nossa gente. Nossa arte atingiu, nessa época, o seu apogeu. Músicos imortais de nossa comunidade surgiram nesse período, tais como o Sr. José Simões de Resende, Eduardo de Souza Rodrigues, João Alvim do Carmo, Carmélia Santana, Adamastor Resende. A Banda "Santa Cecília", patrimônio histórico deste Município, viveu seus melhores dias. A juventude, entusiasmada, primava por divertimentos de verdadeiro cunho artístico, como os Bailados Clássicos.

O Distrito de Remédios, até então, conhecido com a toponímia ANGORITABA, (que significa "Casa de Pedra"), crescia em conceito e valor, pela arte de sua gente. Habitantes de cidades e distritos vizinhos, como Alto Rio Doce, Ressaquinha, Desterro do Melo, Capela Nova, Rio Espera e outros vinham em grande número para prestigiarem suas festas, não apenas religiosas, mas também as festas tradicionais, como os "Bailes da Chita", que ficaram inesquecíveis (dançava-se mazurca, xote, valsa,etc) , as Cavalhadas e Festas religiosas, entre elas a Semana Santa.

Outra grata revelação deste período foi a clássica oratória de Arlindo Resende, cujos discursos célebres em todas e quaisquer circunstâncias, se faziam ouvir com entusiasmo e atenção de todos, pois os remedienses, desde cedo, cultivavam na alma o instinto de valorização da cultura e da retórica.



Com o desenvolvimento cultural e social do Distrito, através de seu povo, desenvolvidos foram também os programas de ordem pública em apoio aos apelos da coletividade remediense. Nossos vereadores à Câmara de Barbacena, erguiam, em alta voz, e defendiam com veemência os interesses de nossa terra; Antônio Pereira de Souza Neves, Antônio Diogo Ferreira Camilo, Dr. Jairo Ferreira de Castro, Francisco Mota, José Milagres Belo e Arlindo Resende, eleitos em várias legislaturas, muito conseguiram para o crescimento da cidade em que vivemos hoje.

No ano de 1945, Dr. Teobaldo Tolendal foi eleito Prefeito de Barbacena e nosso representante na Câmara foi o Sr. Arlindo Resende. Foi durante esta Legislatura que recebemos os Serviços de Abastecimento de água; foram instaladas, na Fonte Grande, um motor e uma bomba impulsora, que abasteceram as residências até 1965. Nesta época, por intermédio de Dr. José Bonifácio Lafaiete de Andrada, através do DNOS, dotou o Município de um melhor Serviço de Abastecimento.

Em 1932 foi instalada no Distrito a Iluminação pública, também graças ao Dr. José Bonifácio Lafaiete de Andrada.

Por falta de elementos, deixamos de seguir uma ordem cronológica na seqüência dos fatos, e passamos à apresentação de uma narrativa de cunho puramente folclórico, mas profundamente histórico.

FOLCLORE

Fazem parte do Folclore de nossa gente, personagens bizarros e marcantes de nosso povo, como o conhecido "Mané Gambá", "Marciano Lambança", famosos por suas engenhosas mentiras; "Rita Crescença", afamada macumbeira; Hilário Kempes, professor rural; Felisberto Martins (O Pompéu), coordenador das Missas - do-Galo e que foi também o doador da Casa de São Vicente de Paulo.

A LENDA DO NOME "REMÉDIOS"

Quando surgiu a idéia da ereção da Capela (que é hoje a Matriz de Nossa Senhora dos Remédios), dois fazendeiros, proprietários do terreno, cada qual querendo a construção em sua propriedade discutiram defendendo as suas razões, chegando mesmo à briga. Apareceu então um terceiro, que pacificou a questão, dizendo: "Construa-se a Capela de modo que fique a metade na propriedade de um e metade na propriedade do outro - é o único Remédio". Daí, a lenda do nome "Remédios".

No entanto, esse relato é puramente lenda; havendo como conhecemos a história, transcrita por Pe. Egidio Reis, no Folheto da Festa da Padroeira de 1965, que erra narrada por Joaquim Alves Pamplona: "A Fazenda do Capote, perto de Carandaí, pertenceu a um fidalgo, casado com uma Baronesa de origem espanhola, que era devota de" Neustra Señora de Los Remédios "...).

Esta Fazenda do Capote, vinha até o Davi, nome antigo de um lugar na fazenda do Sr. Waldemar de Campos, em Senhora dos Remédios. Tendo o fidalgo conquistado grande área de terras, umas quatro léguas do Capote ao Davi, nelas desenvolveu a Agricultura. Foi então que a Baronesa vindo passar um verão na Colônia Agrícola de seu marido, mandou aqui

erigir uma Capela, para a qual trouxe uma Imagem de "Nuestra Señora de Los Remédios", passando assim para a História o nome de "Arraial dos Remédios".

CULTURA E TRADIÇÕES

Um tipo de diversão cultural muito cultivado no Arraial dos Remédios eram as charadas. Senhora dos Remédios foi berço de charadistas famosos, como o Sr. Galdino Otaviano da Silva, ("Galdino Ricardo"), Osório José Simões, e José Simões de Resende. Alguns deles colaboravam na revista "Luso-Brasileira".

FESTAS TRADICIONAIS



CAVALHADAS: as Cavahadas eram as mais famosas - luta entre mouros e cristãos. O roubo da Princesa, pelos cristãos, os doze pares de França; uma comemoração histórica que jamais poderia desaparecer; ouviam-se as embaixadas que os embaixadores adversários apresentavam. Por fim, as lutas e a vitória dos cristãos, culminando com o Batismo e conversão dos mouros.

FOLIA DE REIS: um grupo, empunhando uma Bandeira, levando violas enfeitadas com flores e fitas, saíam pelas zonas rurais, angariando donativos para as festas religiosas e finalidades paroquiais. Finalizando, após os cantos, os pedidos, faziam versos de agradecimento pelos donativos.

BANDEIRAS DE ROÇA: era o tão festejado acabamento da primeira capina da roça, um mutirão reunindo de 30 a 40 pessoas, empunhando bandeiras de pano e mato, que eram entregues à fazendeira, à porta da fazenda. Serviam-se, nessas ocasiões, leitoa assada, arroz-doce, muita comida e bebida.

ENCOMENDAÇÃO DE ALMAS: celebração lúgubre, fúnebre, apavorante para as crianças, que era muito conhecida e praticada nos tempos de "arraial". À meia-noite, um grupo de homens com toalhas brancas à cabeça, armados de velas acesas, saía pelas ruas, com matracas e cantando em voz baixa; pediam esmola e rezas para as almas.

VISITA AO CRUZEIRO: antigamente, em cada entrada do Arraial dos Remédios havia um "Cruzeiro", que no dizer e fé do povo defendia a rua das "mulas-sem-cabeça" e dos "lobisomens"; diziam que, na Quaresma, um bicho, espécie de um urso, rondava a cidade, acompanhado de cães que latiam desesperadamente e que poderiam fazer mal às pessoas. Então, no dia 03 de maio, dia da Exaltação da Cruz, o povo, em procissão, visitava os Cruzeiros protetores, cantando e rezando.

AS ANTIGAS ESCOLAS PÚBLICAS

As escolas de outros tempos são parte ativa da nossa história, não apenas pela formação trazida à nossa gente, mas também pela simplicidade, modéstia e, ao mesmo tempo, pelo dinamismo dos professores. Geralmente eram salas pobres, com algumas carteiras em situação não muito boa, uma pequena mesa, um quadro negro, uma palmatória e pouco mais.

Uma professora para cada sexo, lecionando para as quatro séries; ainda assim, encontravam tempo para ensinar artes manuais, cantigas, catecismo, música, lavar e engomar as toalhas da Igreja e ajudar nas festas da comunidade.

D.Carmélia Santana e D. Alice Costa desincumbiam-se magnificamente dessas tarefas, preparando de forma quase perfeita os seus alunos e, melhor ainda, o cenário para a grande festa do fim do ano: O EXAME. Sempre nos fins de novembro, os examinadores eram os maiores do lugar: o padre, o farmacêutico, os mais letrados.

PONTOS RECREATIVOS



Sala de João Alvim; Fonte da Paulina, do Felizardo e Fonte Grande. Eram pontos de Bate-papo das lavadeiras. Na sala de João Alvim já era diferente. Era um ponto de encontro onde se discutia política, e assuntos mais importantes da época. Faziam-se brincadeiras sadias, como prendas, charadas, etc. O Sr. João Alvim e D. Etelvina, sua esposa, que não tinham filhos, consideravam a todos como sua família.

A EMANCIPAÇÃO

Por volta de 1951, estando prevista a Nova Divisão Administrativa do Estado, e estando entre nós o nosso Pároco, Pe. Egydio Reis, cujo entusiasmo e espírito de luta foram do conhecimento de todo o povo remediense, o povo do Arraial de Remédios passou às lutas pela emancipação.

Requerimento neste sentido foi apresentado à Câmara Municipal de Barbacena, por José Milagres Belo, então nosso representante naquela Casa. Aprovado por unanimidade foi encaminhado à Assembléia Mineira, para estudos, recebendo o nº 116, vindo à votação em 25 de setembro de 1953.

Durante o período de tramitação do Projeto, árduas e desesperadas foram as lutas que os emancipadores tiveram que enfrentar, pressões políticas, resistências, entraves os mais complicados, que levaram os nosso líderes, inclusive, à presença do Ministro da Justiça, naquela época, Tancredo Neves, na Capital da República.

Foi há esse tempo que Pe. Egydio Reis organizou uma comissão de Remedienses ilustres, que, tendo como porta-voz o eloqüente Arlindo Resende, grande amigo de nosso vigário, esta comissão levou ao Governador Juscelino Kubtscheque as reivindicações justificativas para a nossa emancipação, o que veio valer a sanção da Lei nº 1.039, de 12 dezembro de 1953 e a inserção, em seus dispositivos, da sonhada criação do Município de SENHORA DOS REMÉDIOS.

Nosso povo veio a ter notícias do teor da Lei de Emancipação no dia 08 de dezembro de 1953, numa Festa de Nossa Senhora da Conceição, promovendo então, logo após a festa, uma tarde festiva, de passeata patriótica pelas ruas da cidade, discursos e ovações à grande conquista.

A 1º de janeiro de 1954 deu-se a Instalação do Município, em Sessão Solene, presidida pelo Sr. Geraldo Gonzaga da Silveira, primeiro Juiz de Paz em exercício, secretariado pela Sra. Maria Efrosina Rodrigues Paixão, Diretora das Escolas Reunidas e com a presença do Sr. José Isaias Augusto de Carvalho, nomeado Intendente e primeiro chefe do Executivo Municipal, do Dr. Paulo Patrus de Souza, representante do Deputado Último de Carvalho, conforme Ata lavrada às páginas 01 e 02 do Livro de Atas nº 01 desta cidade.

Aos 23 de janeiro de 1955 foi realizada a Eleição Suplementar da cidade, pleito movimentadíssimo, quando foi eleito o Sr. José Paulo de Assis, empossado a 10 de março de 1955, conforme Ata lavrada pelo Sr. Arlindo Resende, às páginas 02-V e 03 do Livro de Atas nº 01 supra citado.



A comissão pró-emancipação era formada por nomes ilustres de nossa terra:

Afonso Pereira de Souza, Antônio Eloi de Araújo, Antônio Timóteo de Souza, Aprígio Rodrigues de Souza, Arlindo Resende, Artur de Campos Belo, Pe Egidio Reis, Francisco Guedes da Silva, Francisco Nogueira de Assis, Francisco Vitor da Silva, Gasparino Guedes de Carvalho, Geraldo dos Santos Coelho, Geraldo Gonzaga da Silveira, Geraldo Martins de Oliveira Leite, Hilário Tomé Guedes, Ilídio Rodrigues de Souza, João Ciríaco Dornelas, João Correa de Souza, João Francisco de Paiva, João Milagres Ferrão, João Rodrigues de Souza, José Elói de Mattos, José Milagres Belo, José Paulo de Assis,

Manoel Leite, Paulo de Araújo Campos.

A História de nossa querida SENHORA DOS REMÉDIOS é muito bem retratada no Livro HISTÓRIA DO MUNICÍPIO DE SENHORA DOS REMÉDIOS, escrito pelo remediense João Paulo Ferreira de Assis (tel 032 3341-1234), onde é descrita nos mínimos detalhes a história das Famílias remedienses, das ruas e praças, dos povoados e distritos.

RELIGIÃO

Sendo tradicionalmente religioso, o povo de Sra. dos Remédios é quase, em sua totalidade católico. Há algumas seitas com poucos adeptos, entre elas se destacando a "Assembléia de Deus", e a "Igreja Quadrangular", ambas sem muita expressividade.

As festas religiosas mais marcantes são a Festa da Padroeira, em 1º de setembro, Semana Santa e algumas comemorações de datas religiosas importantes, como a 21 de outubro, natal e outras.

No aspecto religioso, destaca-se a figura de Pe. Egidio Reis, importante líder religioso, austero e severo, que participou, inclusive, da Comissão de Emancipação do Município, contribuindo para o caráter religioso e a formação cultural e moral de nossa gente. Em sua homenagem, a Escola de Ensino Fundamental e Médio da Sede do Município leva seu nome.

PREFEITOS

	Prefeito / Vice	Início	Fim
1	José Paulo de Assis / Artur de Campos Belo	Março 1955	Fevereiro 1959
2	Artur de Campos Belo / Milton Seb. Albuquerque	Fevereiro 1959	Agosto 1960
3	Milton Seb. Albuquerque	Agosto 1960	Junho 1961
4	José Milagres Belo	Junho 1961	Novembro 1961
5	João Francisco de Assis F. / Antônio N. Rodrigues Malta	Novembro 1961	Abril 1962
6	Antônio N. Rodrigues Malta	Abril 1962	Fevereiro 1963
7	Geraldo dos Santos Coelho / João Milagres Ferrão	Fevereiro 1963	Dezembro 1966

8	Antônio Milagres Belo / Arlindo Resende	Janeiro 1967	Fevereiro 1971
9	Edgar de Souza Passos / Valmir Miguel de Oliveira	Fevereiro 1971	Fevereiro 1973
10	José Paulo de Assis / Antônio N. Rodrigues Malta	Fevereiro 1973	Janeiro 1977
11	Edgar de Souza Passos / Geraldo M. Oliveira Leite	Janeiro 1977	Janeiro 1983
12	José Francisco Milagres P. / Vicente Santos Coelho P.	Janeiro 1983	Dezembro 1988
13	Edgar de Souza Passos / Sebastião Milagres Belo	Janeiro 1989	Dezembro 1992
14	Artur Belo Tafuri / José Alberto Pamplona	Janeiro 1993	Dezembro 1996
15	José Francisco Milagres P. / Valmir Miguel de Oliveira	Janeiro 1997	Dezembro 2000
16	Artur Belo Tafuri / Pedro Cirilo do Vale	Janeiro 2001	Dezembro 2004
17	Dirceu Passos / Sônia Coelho Milagres	Janeiro 2005	Dezembro 2008
18	Sônia Milagres Coelho	Janeiro 2008	Dezembro 2008
19	Sônia Milagres Coelho/Dirceu Passos	Janeiro 2009	Dezembro de 2012

POVOADOS

Em mãos um mapa do município de Senhora dos Remédios, em que este é dividido em dez setores, mapa este de autoria de nosso primo, Adriano Dornelas da Silveira. Vamos referir a História por setor, porém, reconhecendo que o melhor seria dividir por freguesias originais, visto que as paróquias de Piranga, Itaverava, Conselheiro Lafaiete, Prados e Barbacena vinham encontrar-se em nosso território. Excetuado o primeiro setor (Sede do município), temos os seguintes: Japão (dois), Cascalhais (três), China (quatro), Senra (cinco), Vargem Grande (seis), Carranca (sete), Pião (oito), Pinheiros (nove) e Palmital dos Carvalhos (dez).

Quiséríamos apresentar as datas de surgimento das Capelas, porém, não nos foi possível por não ter o Pároco de Capela Nova respondido à nossa carta de março de 2002; e o de Senhora dos Remédios informou que as Capelas rurais foram instituídas pela Sociedade de São Vicente de Paulo. Contatada esta, o sr. Edgar de Souza Passos informou-nos não haver registros escritos na SSVF a respeito de tais instituições de igrejas.

VARGAS

Passemos agora a discorrer sobre o povoado dos Vargas. O povoado dos Vargas surgiu das terras da fazenda de José de Vargas, local então conhecido como Gerais dos Brejaúbas. Mais tarde as famílias Milagres e Ferrão aí se estabeleceram, tendo prevalecido o nome original. O lugar dos Vargas se constituiu num entreposto para os tropeiros que iam e vinham de Remédios. Outrora quase chegou a ser sede da capela, que acabou sendo construída na fazenda de Manuel Vieira Barbosa. Por isso, a proximidade de Remédios sempre debilitou o povoado, que para qualquer negócio recorre à sede do município. Em todo o caso, pode a localidade dos Vargas reivindicar para si a glória de ser o núcleo de nosso município, de vez que os primeiros registros da capela de Remédios dizem respeito a moradores seus. Curiosamente, o povoado dos Vargas tem uma lei de criação. A Lei n. 9, de 17 de setembro de 1898, do Conselho Distrital de Remédios, elevou à categoria de povoados os lugares de Vargas e Pereiras. A lei foi aprovada por Resolução n. 79, da Câmara de Barbacena, em 21 de outubro seguinte. É digno de nota que haja se formado o povoado sem os centros aglutinadores Igreja e Escola. Era um povoado somente constituído de casas. Com o tempo, mais casas foram surgindo ao longo da estrada. E no paróquio de Padre Sérgio foi construída a Capela de Nossa Senhora de Fátima. Ao mesmo tempo foi construída a Escola Municipal Newton Coelho Ferrão, em terreno doado pelo Deputado José Bonifácio Filho. Data de 1978 a primeira rede de água dos Vargas. A pavimentação da rodovia de acesso à BR 040 possibilitou ao povoado o surgimento de mais uma rua. A antiga estrada fazia uma curva, que foi suprimida pela atual rodovia. Ao todo são quatro ruas, ainda sem denominação oficial: uma que é reta e perfaz a rodovia atual, outra que é curva e perfaz a antiga estrada, uma terceira que parte da estrada velha, e a quarta, que parte da Capela da Senhora de Fátima. Sua tendência urbanística é se reunir ao perímetro urbano de Senhora dos Remédios, de vez que já se divisa do alto dos Vargas o prolongamento de uma rua remediense.

TRAPIZONGA

O povoado da Trapizonga tem sua origem na fazenda de mesmo nome, outrora pertencente a Luís Alves de Freitas Belo (avô materno do Duque de Caxias) e de seu genro, Joaquim Silvério dos Reis. Em 1856, pertencia ao Capitão Patrício José da Silva Moura. A Fazenda no início do século XX, passou às mãos de Paulo Ferreira de Souza, e suas terras ainda estão com os herdeiros.

PATRÍCIO

O Patrício deve seu nome ao Capitão Patrício José da Silva Moura, filho de Joaquim Ferreira da Silva. Em 1793, Patrício já estaria estabelecido no local, que então dependeria da Fazenda da Serra e, ao depois, em 1856, foi parte da Fazenda da Trapizonga.

CAIEIROS

O Caieiros deve o nome à família Sá Calheiros, que se prende a Luís de Souza Cabeceiras e a sua esposa, Maria de Araújo. Esta família aparece em Remédios nos anos finais do século XVIII.

CASCALHAIS

O setor erroneamente chamado Cascalhal, apresenta os povoados: Cascalhais, Bumba, Córrego dos Pereiras, Crioulos e Mutuca. Ao norte o setor limita-se com o Japão e o China; ao sul, com Desterro do Melo, a leste, com o China e a oeste, com o Japão. Antes de discorrermos sobre os Cascalhais, esclareçamos a dúvida sobre o seu nome. Dizem uns Cascalhal. Outros querem-se com o nome Cascalhais. Esta povoação teve origem na Fazenda de José Rodrigues Cascalhais, falecido em 1792, sem ter contraído núpcias ou deixado algum filho. Com o passar do tempo, o povo foi fazendo corruptela do termo Cascalhais, transformando-o em Cascaiais. Para tornar ainda mais fácil a pronúncia, modificaram novamente para "cascaial". E em nossa terra, numa tentativa de reconquistar a linguagem culta, corrigiu-se para Cascalhal. O nome correto é, portanto, Cascalhais, como se vê do testamento do referido proprietário.

Em 1951, foi criada uma escola no Cascalhais com o nome de Manuel Leite.

A Mutuca começou a ser povoada a partir de 1748, e a Fazenda de mesmo nome se formou por essa época. Foi seu proprietário Luís Alves de Freitas Belo. Em 1801, a fazenda foi arrematada por José Vidal de Barbosa Lage, e passou ao genro Francisco Leite Ribeiro. Em outra parte da antiga fazenda, morava Manuel José Pereira, Capitão de Ordenanças.

O CHINA

Vem a ser um dos maiores setores do município. Várias são as suas localidades: China, Timóteo, Ponte Santo Antônio, Abreus, Pau D'Alho, Indaiá, Floresta, Paiol, Mutuquinha, Córrego dos Alves, Carangola, Cruzeiro, Bonfim, Córrego Fundo, Cordeiro e Sítio São Matheus. Limita-se, ao norte com o setor do Senra. Ao sul e oeste com Desterro do Melo, a noroeste, com o setor da Cidade e o Japão, e a oeste, com o Cascalhais. Neste setor estão as famílias Benedito de Araújo e Dornelas, duas das mais importantes do município.

O topônimo China, segundo se diz, procede do apelido de uma fazendeira, e quiçá primeira moradora, cognominada a Maria China.

O povoado do Timóteo formou-se da fazenda de mesmo nome, sita nas Brejaúbas da Freguesia de Itaverava, fazenda de Timóteo José de Bittencourt, natural da Freguesia de Nossa Senhora de Guadalupe da Ilha Graciosa, e filho de Maria do Nascimento. Nascido em 1767, habilitou-se ao matrimônio em 1789 na Freguesia de Itaverava, tendo se casado com Maria Pinta da Conceição, filha de João Ferreira Pinto e de Isabel Maria da Assunção. Em 7 de maio de 1789, no Arraial da Espera, teve lugar o depoimento das testemunhas. Em 12 de maio seguinte, foi lavrado o termo de fiança de banhos. Ele seria, talvez,

filho de um outro Timóteo José de Bittencourt que foi Juiz de Vintena. O arraial desenvolveu-se devido à importância da antiga estrada para Ouro Preto, a qual passava pelo Timóteo. Tão importante que a Câmara de Barbacena, em 1865, solicitou ao Governo Provincial o conserto da ponte do Timóteo sobre o Rio Brejaúbas.

Originária de uma fazenda pertencente à família Alves, o Córrego dos Alves é hoje uma das maiores povoações do município. Já possui, inclusive escola e uma capela dedicada a São Roque, erigida por iniciativa da Sociedade de São Vicente de Paulo, e construída pelo ano de 1993.

SENRA

Este setor limita-se, ao norte, com Capela Nova, ao sul, com o China, a leste, com Alto Rio Doce, a noroeste, com a Vargem Grande e, ao sudoeste, com a Carranca. Os povoados pertencentes ao Senra são Pinheiros I, Pinheiros II, Olhos d'água, Água Parada, Couto, Cunhas, Tigre, Tenda e Senra.

Este território é basicamente o que pertenceu à antiga Freguesia de Santo Antônio de Itaverava, e incluía também o Timóteo, que é de outro setor. Aplicavam-se às Capelas de São Gonçalo de Catas Altas e Nossa Senhora da Conceição da Noruega. O povoamento começou cerca dos anos quarenta do século XVIII, ali tendo se formado a Fazenda do Bom Sucesso de Diogo Guedes de Mendonça Osório, e ao depois a Fazenda do Flamengo. Ali era o território em que as divisas das freguesias de Carijós, Itaverava e Borda do Campo iam encontrar-se.

O povoado do Senra formou-se pouco além da Fazenda de mesmo nome, dos herdeiros do ex-Prefeito Arthur de Campos Belo, entre os quais está o nosso cunhado e compadre, Carlos Magno Mota Belo. A Fazenda procede de um certo Domingos Senra, que aparece como confinante de Luís Manoel do Nascimento, em 1856. Passou depois à posse de João José da Costa, casado com Senhorinha Bernardina Pamplona, falecida esta em 1880. Viúvo, João convolou esponsais com D. Raquel Benedita de Araújo, filha de Simpliciano Rodrigues de Araújo e de D. Maria da Glória e Ávila. Viuvando, Dona Raquel casou-se em segundas núpcias com o Coronel Antônio César de Campos, que foi subdelegado de Remédios durante muitos anos. Por falecimento do Coronel, a fazenda passou a seu genro, Arthur de Campos Belo.

O Couto tem duas paragens; o Couto de Cima e o Couto de Baixo. Há, ainda uma dúvida sobre quem teria emprestado seu nome ao Couto. De início ocorre-nos Pedro Rodrigues do Couto, porém, este era ligado à Freguesia de Prados, onde se casou, e faleceu sua primeira esposa. Portanto, não podemos ainda dar uma notícia certa sobre a origem do Couto. Em 1918, a Lei 223, de 27 de fevereiro, criou uma escola no referido local.

Com mais certeza, pode-se conjecturar que os Cunhas surgiram da Fazenda de Domingos da Cunha Vaz, morador nas Brejaúbas da Freguesia de Itaverava, e que em 1750 convolou núpcias com Ana Moreira da Assunção, filha de Manuel Moreira de Meireles e de Josefa da Assunção.

VARGEM GRANDE

Este setor tem um território relativamente pequeno. No passado colonial, foi filiado à Matriz de N. S. da Conceição do Campo dos Carijós. Povoados: Vargem Grande, Estiva e os Martins. Ao norte, limita-se com Capela Nova; ao sul, com a Carranca; a leste, com o Senra; e, a oeste, com o Pinheiros. Formou-se da fazenda de mesmo nome, à qual teria sido fundada por Serafim Antônio de Souza. Esta fazenda não existe mais. O território está repartido entre os herdeiros.

A Boa Vista era a fazenda de Antônio de Souza Almada, que em 1882, havia passado para a Paróquia de Capela Nova por artes de Padre Manuel Francisco do Carmo, que assim estaria demonstrando ao Barão de Coromandel o seu poder de fogo. Supõe o Padre José Duarte que esta fazenda teria pertencido à sesmaria de João da Silva Lima. Posteriormente ao falecimento deste, foi adquirida por Antônio Joaquim dos Reis, o qual vendeu-a em 1838 ao Alferes Manuel Dornelas da Costa. Este a vendeu a Antônio de Souza Almada, avô paterno de Padre José Duarte. Indo à hasta pública, foi arrematada por José Rosa Belo. Foi demolida nos primeiros anos do século XX.

O povoado dos Martins tem este nome graças à Família Martins da Costa, da Aplicação de Santana do Morro do Chapéu. A Fazenda dos Martins, assevera o Reverendíssimo Padre José Duarte de Souza e Albuquerque, foi edificada cerca de 1750 por Antônio Martins da Costa, casado com Ana Gomes de Jesus. Outrora, era parte integrante da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição da Real Vila de Queluz, hoje, Conselheiro Lafaiete. Cerca de 1819, a Estiva e os Martins teriam sido

transferidos de Santana para Capela Nova, por ato do Vigário, a fim de aumentar as rendas do novo Capelão, Padre Gregório João da Cruz. Isto, segundo declaração do Padre Cândido Tadeu Pereira Brandão, Vigário de Queluz, em 1829. A Fazenda não mais existe. Em seu lugar, formou-se o povoado dos Martins, com a Capela de Nossa Senhora Aparecida, filial da Matriz de Capela Nova. A Capela é de 1982, tendo sido construída por um devoto que recebeu uma graça. Esta capela é chamada "Capela do Quintino", onde foi enterrado um homem que suportou com estóica resignação a enfermidade que Deus foi servido dar-lhe.

Vizinha à fazenda havia uma outra, construída em fins do século XVIII ou no alvorecer do século subsequente, por Basílio Antônio Furtado, natural da Ilha do Pico, pai do célebre Capitão Basílio, nome de um dos principais logradouros públicos de Descoberto, próximo a São João Nepomuceno. Passando depois à posse do português José Antônio de Freitas, este legou-a a um dos seus sobrinhos, Lúcio Ribeiro de Castro, que a transmitiu, por herança, ao seu filho José Ribeiro de Castro. Por falecimento deste a fazenda ficou para os herdeiros. Em 1981, ainda existiam as suas ruínas, porém o nome José Ribeiro subsiste num dos seus cursos d' água. Em assuntos civis, pertenceu ao Distrito de Capela Nova e município de Queluz, e posteriormente a Carandaí em 1924. Tempos depois passou a pertencer a Remédios, já figurando a Estiva, em 1939, como integrante do distrito de Remédios. Por analogia, os Martins também devem ter ido pertencer na mesma época.

CARRANCA

É o setor mais central do município. Só se limita com outros setores: ao norte, com a Vargem Grande; ao sul, com o Japão; a leste, com o Senra; a sudeste, com o China; e a oeste, com o Pião. Constitui-se dos seguintes povoados: Carranca, Carranquinha, Brejaúba, Perpétuas, Chacrinha, Matinho e Bocaina.

O sertão da Carranca começou a ser povoado nos anos quarenta do século XVIII, por imigrantes açorianos. Pelos primeiros anos do século XX, surgiu a Fazenda da Carranca, de propriedade de José Gonçalves Pereira. Mais tarde uma das dependências separou-se e ficou conhecida como Carranquinha. Em 1933, foi instalada nessa última localidade uma escola pública de primeiras letras.

O topônimo Perpétuas, não o podemos afirmar com certeza, pode provir de D. Ana Perpétua da Silveira, viúva de Vicente Ferreira de Melo. Supomos que assim fosse, pois uma irmã de Ana Perpétua, a Rosa, era casada com José de Vargas. Nesta área, ter-se-iam fixado os descendentes de D. Catarina da Silveira, matriarca remediense, falecida em 7 de fevereiro de 1795.

PIÃO

Este setor limita-se ao norte com o Pinheiros e a Vargem Grande, ao sul com Ressaquinha; a leste, com a Carranca; a sudeste, com o Japão e, a oeste, com o Pinheiros. É constituído das seguintes localidades: Pião, Pedra Menina, Picada do Pião, Serra do Pião e Fazenda do Amargoso.

O Pião foi o local do célebre Quilombo da Pedra Menina, destruído em 1768 pelo Capitão do Mato, João Duarte de Faria. O Pião, vizinho à Pedra Menina, em 1873, foi como aquela, pertencer à Paróquia de Capela Nova. Voltou em 1891. Durante a gestão do Padre José Duarte foi edificada a Capela do Sagrado Coração de Jesus. À falta da necessária licença eclesiástica, não foi inaugurada solenemente. Joaquim Júlio Barbosa, cognominado o Quinca Polônia, doou o terreno para construção. Foi seu zelador e administrador o senhor Sebastião Milagres Belo.

A Pedra Menina originou-se de uma fazenda que segundo Padre José Duarte, foi construída em meados do século XVIII. Manoel Pereira de Sousa e sua esposa Joana da Conceição Vasconcelos teriam sido os primeiros moradores. Na época, a Pedra Menina era da Aplicação de Nossa Senhora Mãe dos Homens do Bom Jardim, filial da Matriz da Borda do Campo. A fazenda, ao depois, passou à posse da família Rodrigues de Souza. Na segunda metade do século XX, Urbano Rodrigues de Souza demoliu a antiga fazenda e construiu outra em seu lugar.

A Fazenda do Amargoso, do século XVIII, primitivamente seria da sesmaria de João Batista Condé ou do Padre José Rodrigues Pontes. Em época posterior pertenceu ao Coronel José Rosa Belo e descendentes, até que foi adquirida por D. Maria Genoveva de Sales Marcolini, que a adaptou para Hotel Fazenda.

PINHEIROS

Limita-se ao norte com Carandaí e Capela Nova; ao sul com Ressaquinha; a leste com o Pião; a nordeste com a Vargem Grande e, a oeste com Carandaí e o setor do Palmital dos Carvalhos. Suas localidades: Palmital dos Pereiras, Pinta Pau, Abóboras, Pinheiros, Palmital dos Matheus e Córrego Fundo.

O Palmital dos Pereiras obteve tal denominação graças ao grande número de pessoas da família Pereira, descendente também de Manuel Pereira de Sousa e de Joana da Conceição Vasconcelos. Espaço rural, somente passou a ser povoado por Resolução n. 104, de 27 de março de 1911, da Câmara Municipal de Barbacena.

O Palmital dos Matheus obteve a sua denominação pelos mesmos motivos do Palmital dos Pereiras: a grande concentração de pessoas da família Matheus, oriunda de Francisco Matheus de Medeiros, nascido em Remédios, em 1897. Anteriormente, a localidade fazia parte da Fazenda de João Carvalho Duarte, primeiro morador na Fazenda do Canjamba, hoje, no Município de Ressaquinha. Em 1974, o Palmital dos Matheus foi dotado de escola pública.

No final de 1995, passou a fazer parte do território da Paróquia de São José de Ressaquinha. Em 17 de maio de 1999, Padre Lindomar José Bragança, Pároco de Ressaquinha solicitou licença para realizar a construção da Capela de São Judas Tadeu, deferida em 2 de junho seguinte, por Monsenhor Vicente Dilascio, Vigário-Geral, em nome de D. Luciano Mendes de Almeida.

Ponte Grande dos Vargas, no século XVIII era sede da mineração de Bento Gonçalves de Oliveira, hoje é povoado com capela de Nossa Senhora Aparecida.

O povoado das Abóboras se formou da fazenda de mesmo nome, pertencente hoje a José Firmino de Assis e Souza.

Mostramos a história dos principais povoados de nossa cidade, tendo como sempre, uma base maravilhosa que é o livro de nosso grande escritor remediense João Paulo Ferreira de Assis.

RUAS

Vamos apresentar aqui a história das principais ruas de nossa cidade, é uma história bem interessante. Nossa base, mais uma vez, é o livro da História de Senhora dos Remédios, escrito pelo remediense João Paulo Ferreira de Assis.

PRAÇA NOSSA SENHORA DOS REMÉDIOS

Seu nome variou conforme as mudanças de categoria eclesiástica: Largo da Capela ou da Igreja, ou dos Remédios; Largo ou Praça da Matriz, esta última consolidada a partir de 1870. Ter-se-á formado posteriormente a 1775, quando nossa terra era mencionada na Cartografia como "Caminho dos Remédios". Seu atual nome deve-se à Resolução n. 25, de 29 de julho de 1968.

RUA JOÃO ALVIM DO CARMO

Surgiu na estrada Mariana - Rio de Janeiro. Nos tempos coloniais era a única via de acesso à Matriz, tendo, portanto, servidão de passagem. Por isso mesmo, seu primeiro nome foi Rua Direita, com o qual ainda era conhecido em 1874. Diogo de Vasconcelos, em sua benemérita História Antiga das Minas Gerais, refere o fato de se denominar Rua Direita a rua que dá acesso à Igreja. E o elogia como

"piedoso costume. antigo, nas povoações romanas, nas quais se recordava a

Rua Direita de Damasco onde se instruiu na fé o Apóstolo das Gentes".

Assim a Rua Direita podia ser entendida como a principal rua e a de maior dignidade em nossa terra. Em 1822, já existia, posto que anônima no inventário de Antônia Rosa de São José, esposa de Manuel Barbosa de Castro. Posteriormente, em 1908, foi conhecida como Rua da Calçada ou das Calçadas, por ter recebido calçamento em 1898, providenciado pelo Conselho Distrital. Ao mesmo tempo, deu-se-lhe outra denominação, ao que parece, não oficial, de Rua dos Lobatos, a partir do momento em que chegou o Professor Gabriel Pinto Lobato para lecionar à escola pública dos meninos. Ambos os nomes coexistiram na toponímia, posto que ao primeiro conferiu-se um certo caráter oficial, devido ao edital de hasta pública de 1912,

que mandava leiloar as casas de Augusto Procópio Barbosa de Castro, sitas à Rua das Calçadas. Posteriormente foi conhecida como Rua da Ladeira, até que a Resolução 25/68 conferiu-lhe o atual nome.

RUA ANTÔNIO PEREIRA DE SOUZA NEVES

Antigamente Rua dos Machados. Surgiu na referida estrada Mariana - Rio de Janeiro, procurada pelos tropeiros, timoratos das quadrilhas que assolavam a Mantiqueira. Ali, possivelmente teria existido uma estalagem, que a consagrou como centro comercial. Em 1908, León Renault a qualificou como rua mais populosa e de importância econômica. Ali residiu a família Machado, que emprestou o nome à rua e a um morro próximo, o Alto do Machado. A Resolução n. 25/68, deu-lhe o atual nome, porém, da esquina da Rua Paulo Ferreira de Souza até a residência de Maria Francelina de Souza.

RUA ANTÔNIO FRANCISCO DE ASSIS

Antigamente Rua dos Machados. A Resolução 25/68, dividiu a antiga rua em duas, dando o nome Antônio Francisco de Assis a partir da referida casa de Maria Francelina até a de João Duarte Passos.

PRAÇA PEDRO DUARTE PASSOS

Foi construída na saída da Rua Antônio Francisco de Assis, rumo a Desterro do Meio. A Lei 873/93, assim a denominou.

RUA PEDRO GUSTAVO FILHO

Antigamente Rua Antônio Francisco de Assis. A Lei 873 de 9 de novembro de 1993 assim denominou o trecho entre a Praça Pedro Duarte Passos e a saída para Desterro do Melo.

RUA NOSSA SENHORA APARECIDA

Antigamente Rua das Goiabeiras, como nos dá a entender León Renault, na sua Corografia. A Resolução 25/68, deu-lhe o nome atual, compreendendo-se como tal o trecho entre a casa de Lúcia de Fátima Malta até a rodovia para Barbacena.

RUA PAULO FERREIRA DE SOUZA

Antigo Largo das Cavalhadas, onde desenvolveram-se muitos de tais eventos. No final do Largo já existia, em 1807, a ponte sobre o Lava-Pés, passagem obrigatória para os tropeiros. Isto o tomava local de grande movimento, e talvez, originariamente, pasto para os cavalos. Assim o supomos, por estar às margens de um curso d'água, onde os cavalos iam se dessedentar. A Resolução 25/68, deu-lhe este nome, justa homenagem ao benemérito que doou o terreno para construir-se o Grupo Escolar.

RUA PROFESSOR PINHEIRO

Antigamente Rua das Flores, nome alusivo à paisagem silvestre da referida rua, agradável aos olhos, em suma um bosque florido. Surgida pelo século XIX, já seria existente em meados do século XIX. Também foi conhecida como Rua do Totico, talvez por ter sido ele, o senhor Antônio Costa Mattos, proprietário da maior parte dos lotes. A Resolução 25/68 deu-lhe o nome atual.

RUA DO ROSÁRIO

Também surgida na referida rodovia. Supõe-se que era na Rua do Rosário que se encontrava a Fazenda de Manuel Vieira Barbosa, havendo, segundo a tradição oral, uma ermida ou oratório. Não nos consta seu nome anterior, porquanto, só em 1872 começou a ser construída a Igreja do Rosário. Possivelmente fosse conhecida como Porteira do Alto, evocando, talvez a Fazenda de Manuel Vieira Barbosa. A resolução 25/68 dividiu a antiga rua em duas, denominando como Rua do Rosário o trecho situado entre a Praça dos Andradas e a Igreja do Rosário.

RUA JOSÉ SIMÕES DE RESENDE

Era o prolongamento da mesma rua no sentido de Capela Nova. Formou-se depois de 1916. A Resolução 25/68, deu este nome à rua, desde a casa de D.Albina Pereira de Souza até a encruzilhada da Fábrica de Laticínios

PRAÇA NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO

Foi construída na Rua do Rosário, e denominada pela Lei 873/93 a praça que contorna a Igreja de Nossa Senhora do Rosário, desde a residência de D.Maria de Almeida Resende, contornando a capela, até a residência de D.Albina Pereira de Souza.

RUA ANTÔNIO FRANCISCO COELHO

Antigamente, Rua do Campestre. Antes, não existia a ligação entre as Ruas Goiabeiras e Direita pela atual Rua Antônio Francisco Coelho. Como já está ciente o amigo leitor, a entrada fazia-se pela Rua Goiabeiras. A Resolução 25/68 determinou que à Rua do Campestre fosse dado o nome de Antônio Francisco Coelho no trecho entre as residências do senhor Ângelo Augusto Moreira e Silvério Rodrigues de Oliveira.

RUA COSTA MATOS

Outrora o antigo caminho para a Borda do Campo, e prosseguia na Rua Nossa Senhora Aparecida. Entre 1939 e 1950, ter-se-ia formado a rua, que passou a ser conhecida como Rua do Gabiroba, em alusão ao sítio dos herdeiros de Ângelo Augusto Moreira. A Resolução 25/68 denominou como Rua Costa Matos, o trecho entre a casa de Silvério Rodrigues de Oliveira e a esquina da Rua Antônio Francisco de Assis.

RUA ANTÔNIO ROSA BELO

Antigamente Rua dos Forros. Este nome adveio da circunstância de ter sido primitivamente residência de negros alforriados. Deve ser observado que a rua está sobre íngreme encosta, indo terminar à beira do traiçoeiro Lava-Pés. Possivelmente ao final do século XIX terá recebido maior incremento de pessoas que haviam sido alforriadas pela Lei Áurea, de 13 de maio de 1888. A Resolução 25/68 deu-lhe o nome atual.

RUA CORONEL ANTÔNIO CAMPOS

Antigamente Rua dos Forros. A Lei 873 de 09/11/1993, assim denominou o trecho final da Rua Antônio Rosa Belo, sito entre a esquina da Rua Alcides Matheus e a Praça São Sebastião.

RUA JOSÉ ELÓI BENEDITO DE ARAÚJO

No passado conhecida como Beco da Fonte Grande, onde mais recentemente o pessoal ia buscar água. Recebeu este nome pela Resolução 25/68.

RUA PADRE JOSÉ ROCHA

Primitivamente era conhecida sob os nomes Beco do Joaquim, Beco do Joaquim Miguel e Rua Nova. Aludiam os dois primeiros ao morador inicial Joaquim Miguel da Costa, avô do Professor José Miguel Filho. Teria surgido no século XIX, posto que em 1939, no Lançamento de impostos ainda ostentasse o nome Rua Nova, com apenas dois moradores. A Resolução 25/68 deu o nome de Padre José Rocha à rua, que posteriormente foi aberta até comunicar-se com a Rua Antônio Rosa Belo.

RUA SÃO VICENTE DE PAULO

Antes conhecida como Fontinha, devido à existência de uma pequena fonte no local. A Resolução 25/68 denominou-a assim, em justa homenagem à benemérita Sociedade de São Vicente de Paulo, que nesta rua instalou o seu albergue.

RUA PADRE EGYDIO REIS

Já existiria em meados do século XIX. Posteriormente, quando o Conselho Distrital construiu uma caixa d'água atrás da Matriz, ganhou o nome de Rua da Caixa d'água, sendo, aliás, um prolongamento da Rua da Caixa d'água. A Resolução 25/68 deu o nome de Rua Embaixador José Bonifácio, oficializando o nome que já era corrente, possivelmente por lei municipal de Barbacena. A Rua Embaixador José Bonifácio compreendia o trecho entre a casa de José Tafuri e a de Jesus de Souza Damasceno. A Lei 873/93 deu o atual nome em homenagem ao nosso sétimo pároco.

RUA ANTÔNIO MILAGRES BELO

Antiga Rua Embaixador José Bonifácio, foi assim denominada pela Lei 775, de 06 de dezembro de 1989, que nomeou o trecho final da Rua Embaixador até a esquina da Cristiano Andrade.

RUA CRISTIANO ANDRADE

Surgiu como prolongamento da Rua Embaixador José Bonifácio. Recebeu essa denominação pela Lei 325, de 19708.

RUA CORONEL FERRÃO

Asseveram pessoas antigas que o seu nome seria Rua dos Bambus. No aviso de Lançamento de Impostos Territorial Urbano e Predial do Distrito de Remédios, referente a 1936, aparece com o nome de Rua da Entrada. Em 1939, aparecem os nomes Entrada do Arraial, Rua da Entrada, e mais para dentro, Coronel Ferrão. Tais dados podem ser vistos nos registros de impostos da Prefeitura de Senhora dos Remédios (Caixa Documentos Diversos 1906/1965) e aqueles na Caixa Leis, Resoluções e Decretos de Barbacena, 1928/1910. O nome Coronel Ferrão é possível que haja sido dado por Barbacena.

PRAÇA BARBACENA

Antiga Rua da Entrada. Prolongando-se no sentido de Ressaquinha, a rua Coronel Ferrão, a Lei 498, de 10 de agosto de 1979 deu a esse prolongamento o nome de Rua Aristóteles Vale, a partir do prédio da Cadeia Pública. Pela Lei n. 934, de 4 de junho de 1996 a Rua Aristóteles Vale foi convertida em Praça Barbacena, com belo monumento de boas vindas.

RUA PEDRO DOS SANTOS COELHO

Surgiu do prolongamento da Rua Coronel Ferrão, e antigamente o seu trecho já era a estrada para Ressaquinha. Pela Lei 934/96 foi denominado assim o trecho entre a Praça Barbacena e a encruzilhada do Campestre (Rua Nossa Senhora Aparecida).

PRAÇA DOS ANDRADAS

Com mais certeza era a Rua da Caixa d'água. A partir da criação do Município passou a ser chamada Praça da Prefeitura. Seu atual nome deve-se à Resolução 25/68.

RUA ALCIDES MA THEUS

Antigamente era conhecida como Porteirinha. Não podemos ter certeza se a atual Rua foi parte do caminho aberto em 1792 por Domingos Correia da Silveira, ou se este abriu o caminho a partir da hodierna Fábrica de Laticínios. Pela Resolução 25/68 recebeu o nome de Antônio Rodrigues Milagres o trecho entre as casas de Ângelo dos Passos e Egidio Carvalho Matheus. Pela Lei 775/89 a rua Antônio Rodrigues Milagres foi dividida em três ruas, sendo denominado Rua Alcides Matheus o trecho entre a esquina da Rua Antônio Rosa Belo até o cruzamento da Estrada do Timóteo.

RUA HILÁRIO GUEDES

Era a antiga Rua Antônio Rodrigues Milagres, que pela Lei 775/89 foi dividida em três novas ruas, cabendo o nome Hilário Guedes ao trecho compreendido entre o final da Rua Alcides Matheus e a entrada da Fábrica de Laticínios.

RUA ANTÔNIO RODRIGUES MILAGRES

Antigo caminho para Rio Espera, aberto por Domingos Correia da Silveira, em 1792. A Resolução 25/68 denominou Rua Antônio Rodrigues Milagres o trecho entre a Rua Antônio Rosa Belo e a saída para Vitorinos. A Lei 775/89, dividiu a rua em três, mantendo o antigo nome apenas o trecho entre a Fábrica de Laticínios e o início da estrada de Vitorinos.

RUA SÃO GERALDO

Outrora Rua da Chacrinha, surgida depois de 1914, e já existente em 1936, com o nome Rua da Chacrinha. No Aviso de Lançamento de impostos predial e territorial urbano para Remédios, aí já residiam seis contribuintes. O nome Rua São Geraldo

coexistia com o antigo, aparecendo em 1950 nos registros de pagamento dos mesmos impostos, arquivados na Caixa Documentos Diversos 1906/1965, da Prefeitura de Senhora dos Remédios.

A Resolução 25/68 denominou Rua São Geraldo o trecho compreendido entre a casa de Expedito Pamplona de Carvalho e a Estrada da Floresta. Leis posteriores desmembraram a rua e pela Lei 873/93, ficou sendo Rua São Geraldo apenas o trecho entre a Praça José Paulo de Assis e a Rua José Antônio Domiciano.

RUA JOSÉ ANTÔNIO DOMICIANO

Era parte da Rua São Geraldo. A Lei 536 de 27 de novembro de 1980, denominou assim o trecho entre a Rua São Geraldo e a Estrada do Córrego Fundo.

RUA JOSÉ RODRIGUES DE OLIVEIRA

Também era parte da Rua São Geraldo. Pela Lei 535 de 27 de novembro de 1980 foi assim denominado o trecho entre a Rua José Antônio Domiciano e os terrenos de José Rodrigues Matheus.

RUA JOSÉ MATHEUS

Também parte da São Geraldo, o seu trecho entre a Rua José Antônio Domiciano e a esquina da Rua Quinca Domelas foi denominado pela Lei 873/93.

RUA MONSENHOR GALDINO MALTA

Outro trecho da antiga Rua São Geraldo, sito entre o final da Rua Paulo Ferreira de Souza e a Praça José Paulo de Assis. Denominado assim pela Lei 873/93.

PRAÇA SÃO SEBASTIÃO

Antes, Largo do Lava-Pés, onde ficava a fonte da Sá Paulina. Já existia no final do século XIX. Em 1936, era conhecida como Rua Lava-Pés, em registros de pagamentos de impostos de Barbacena. A Resolução 25/68 denominou-a Praça São Sebastião.

RUA JOÃO FRANCISCO DE ASSIS

Ter-se-ia formado de um atalho que o pessoal da Rua da Ladeira e do Largo das Cavalhadas abriu rumo à Fonte Grande. Salvo engano surgiu pelos anos de 1920. Foi denominada pela Resolução 25/68.

RUA ARTHUR DE CAMPOS BELO

Era o início da Estrada do Caieiro. Foi assim denominada pela Resolução 25/68, compreendendo, na época o trecho entre a esquina da Rua Antônio Pereira de Souza Neves até a casa de Antônio Rodrigues Neto.

RUA ANTÔNIO ELÓI DE ARAÚJO

Pela Lei 778, de 06 de março de 1990 foi assim denominado o trecho entre as ruas Arthur de Campos Belo e Antônio Francisco de Assis.

RUA FULGÊNCIO DE CARVALHO E OLIVEIRA

Começa na Rua Antônio Francisco de Assis, paralela à Rua Vereador José Tafuri. Denominada pela Lei 778/ 90.

RUA VEREADOR JOSÉ TAFURI

Também começa na Rua Antônio Francisco de Assis, paralela à Rua Arthur de Campos Belo. Foi denominada pela mesma Lei 778.

RUA EXPEDICIONÁRIOS

Antiga saída para a Floresta, recebeu esse nome por Lei 344 de 8 de novembro de 1971. Posteriormente, foi desmembrada, isto é o que nos parece, pois a redação da Lei 873/93 foi equivocada e algo confusa. Esta dividiu a rua em mais duas:

RUA NEGO BENEDITO

Da esquina da José Antônio Domiciano rumo à estrada da Floresta. Foi denominada pela Lei 873/93.

RUA FELICIANO BENEDITO

É a rua que começa na Rua Quinca Domelas até encontrar a estrada da Floresta. Denominada pela referida Lei 873/93.

RUA MILTON ALBUQUERQUE

É uma das mais recentes. Abriu-a o prefeito que ao depois emprestou seu nome à mesma. Foi denominada pelo povo "Estrada Nova do Cemitério". A Resolução 25/68 deu o nome de Rua Milton Albuquerque à via pública situada nos fundos da Rua do Rosário.

RUA MARTINHO PASSOS

Prolongamento da Rua Milton Albuquerque. A Lei 873/93 a denominou. Iniciando na esquina da Rua Vereador Arlindo Resende até a Milton Albuquerque.

RUA VEREADOR ARLINDO RESENDE

É a via que liga a José Simões de Resende à Rua Milton Albuquerque. Denominação atribuída pela Lei 753 de 4 de julho de 1989.

PRAÇA JOSÉ PAULO DE ASSIS

É bem recente. Sua primeira denominação foi Praça Padre Argemiro, atribuída pela Lei 321, de 30 de março de 1970, á rua entre a Praça Nossa Senhora dos Remédios e a Rua São Geraldo. Nessa data ainda estava por abrir. A Lei 640, de 9 de julho de 1985 denominou Praça Angoritaba a praça situada entre a Avenida Doze de Dezembro e a Rua São Geraldo/7. Finalmente, a Lei 753/89, deu o atual nome à Praça, que foi aberta em 1973/1974.

AVENIDA DOZE DE DEZEMBRO

Aberta de recente, recebeu o nome de Rua Agenor Malta pela Lei 534 de 27 de novembro de 1980. A Lei 639 de 9 de julho de 1985 conferiu-lhe a atual denominação.

AVENIDA PADRE ARGEMIRO

Foi denominada Praça Padre Argemiro pela Lei 321/70. Tendo-se construído a praça José Paulo de Assis, ao restante foi dado o nome de Avenida Padre Argemiro.

RUA ANTÔNIO MALTA

Uma das mais novas, paralela à Rua Antônio Rodrigues Milagres, denominada pela Lei 775/89.

RUA JOÃO MILAGRES FERRÃO

Paralela à Rua Antônio Malta, denominada pela mesma Lei 775.

RUA MANUEL LEITE

Sita entre as ruas Antônio Rodrigues Milagres e João Milagres Ferrão, denominada pela Lei 775/89. E a Lei 873/93, classificou-a como a primeira via pública no sentido para Vitorinos, ligando as ruas Antônio Rodrigues Milagres e Antônio Malta.

RUA FRANCISCO NOGUEIRA DE ASSIS

Pela Lei 775/89, é a rua que liga as ruas Antônio Rodrigues Milagres e João Milagres Ferrão. Paralela à Rua Manuel Leite. Classificada pela Lei 873/93 como a segunda rua no sentido para Vitorinos.

RUA CHIQUITO BENEDITO

Pela Lei 873/93, é classificada como a primeira rua que une as Ruas Antônio Malta e João Milagres Ferrão.

RUA GERALDO GONZAGA DA SILVEIRA

Pela Lei 873/93, é classificada como a segunda rua que une as Ruas Antônio Malta e João Milagres Ferrão.

RUA PROFESSOR CARLOS ALVES PAMPLONA

Pela Lei 873/93, é a primeira via pública, iniciada à Rua João Milagres Ferrão à direita da esquina com a Rua Geraldo Gonzaga da Silveira, em relação ao sentido de subida.

RUA VEREADOR JAIR DUARTE PASSOS

Pela Lei 873/93, é a rua que começa à Rua Carlos Alves Pamplona e termina à Rua João Milagres Ferrão.

RUA JOSÉ PEREIRA DE SOUZA

Aberta na administração 93/96, foi assim denominada pela Lei 873/93. Liga a Praça Nossa Senhora dos Remédios à Rua João Francisco de Assis.

RUA JOÃO FELIPE FERRÃO

Margeia o campo de futebol. Liga-se às ruas Antônio Milagres Belo e Cristiano Andrade. Denominada pela Lei 873/93.

RUA QUINCA DORNELAS

A Lei 873/93, a denominou. Une as ruas José Rodrigues de Oliveira e José Matheus.

RUA PROFESSORA CECÍLIA DORNELAS

Pela Lei 873/93, é a rua que começa na Rua Quinca Dornelas e é paralela à Rua José Rodrigues de Oliveira.

RUA ÂNGELO AUGUSTO MOREIRA

É a rua desde a Rua Costa Matos até o sítio do senhor Ângelo Augusto Moreira. Denominada pela Lei 934, de 4 de junho de 1996.

RUA DELEGADO LEVINDO MOREIRA

Também denominada pela Lei 934/96, vai da Rua Ângelo Augusto Moreira subindo ao chapadão de Nossa Senhora Aparecida.

RUA VEREADOR JOÃO DE OLIVEIRA LEITE

A primeira via pública iniciada obliquamente à Rua Arthur de Campos Belo, à esquerda em relação ao sentido de subida. Foi denominada Rua Joaquim Rodrigues de Carvalho pela Lei 934/96. A Lei 940, de 3 de dezembro de 1996 conferiu-lhe o atual nome.

RUA VEREADOR LUIZ ALVES DE OLIVEIRA

Do entroncamento da Rua Vereador Antônio Elói de Araújo com a Rua José Tafuri, paralelamente à Rua Antônio Francisco de Assis, até encontrar a Rua Fulgêncio de Carvalho.

RUA JOAQUIM RODRIGUES DE CARVALHO

A Lei 940/96, denominou Joaquim Rodrigues de Carvalho o trecho entre a Rua Arthur de Campos Belo e a estrada do Caieiro.

RUA ANTÔNIO NICOLAU MILAGRES

Começa na Rua João Felipe Ferrão e vai até o antigo campo de futebol. Denominada pela Lei 940/96.

RUA PROFESSOR FRANCISCO JOSÉ MOREIRA

Da Rua Delegado Levindo Moreira e seguindo ao longo do " pé do chapadão" retro mencionado. A Lei 934/96 a denominou Rua Vereador João de Oliveira Leite, mas a Lei 940/96, conferiu-lhe o atual nome.

RUA AGENOR BENEDITO DE ARAÚJO

Pertence ao loteamento de Itamar Benedito de Araújo, sito à Rua Pedro Gustavo Filho. Começa na Rua Pedro Gustavo Filho e termina à Rua Ademar Benedito de Araújo. Denominada pela Lei 968, de 7 de outubro de 199721.

RUA ADEMAR BENEDITO DE ARAÚJO

Tem início na Rua Agenor Benedito e vai até a Rua Vicente Paulo Passos. Denominada pela Lei 968/97.

RUA VICENTE DE PAULO PASSOS

Começa na Rua Pedro Gustavo Filho e segue até a Rua Ademar Benedito de Araújo, denominada pela referida Lei 968/97.

RUA VEREADOR JOSÉ LUIZ IATAROLA

A Lei 1021, de 1999 denominou assim a via pública que une a Rua Alcides Matheus ao final da José Simões de Resende.

RUA GERALDO MARTINS DE OLIVEIRA LEITE

Foi denominada pela mesma Lei 1021/99.

Novas ruas estão sendo abertas, posto que ainda sem denominação. O loteamento da Paróquia, deverá denominar-se Dom Oscar de Oliveira, havendo ainda mais dois loteamentos abertos na cidade, que vai trilhando, Deus louvado, a senda do progresso, e expandindo-se. Na avenida que ligar-se-á com a Avenida Sanitária, haverá ainda mais um loteamento. Portanto, assim que tivermos com os nomes de ruas recentes lançaremos aqui.

Fonte: "História do Município de Senhora Dos Remédios" – 2003. João Paulo Ferreira de Assis.